



Luiz Carlos Sá

A HORA DA verdade

Cheguei ao bar adiantado, talvez até por uma ansiedade própria da ocasião. Escolhi a mesa mais discreta possível, sem desprezar a vista para o mar de Copacabana. Quem sabe a visão do entardecer na praia não amenizaria o tom de uma conversa que certamente seria dura e chata

No chamado *show-business* e em particular nas relações entre artistas e músicos acompanhantes rodam várias espécies de relacionamento. Há artistas que escolhem ter uma relação exclusivamente profissional com sua banda e sua equipe técnica. Há outros que se envolvem com seus companheiros de profissão e viagem: conversam, freqüentam, ficam nos mesmos hotéis e saem juntos depois dos shows. Riem juntos, sofrem juntos e depois – na hora em que por qualquer razão precisam trocar músicos ou equipe – expõem-se a pagar um alto preço: a possibilidade de perder o amigo ou amiga e, em casos extremos, ser retaliado por alguém que não soube enxergar naquele relacionamento o limite entre o profissional e o pessoal.

Três chopes depois, chegou o meu amigo. Deu uma geral no bar e afinal me enxergou lá no canto da varanda, acenando. Levantei-me e abracei-o sem poder deixar de sentir um certo incômodo pelo que teria que falar depois daquele abraço. Vínhamos de um mês sem nos vermos, eu compondo para o próximo disco e ele fazendo arranjos para um quarteto instrumental ainda em formação. Daniel K. – vamos chamá-lo assim – já estava claramente com a pulga atrás da orelha desde o meu telefonema da véspera:

- Alô?

- E aí, Daniel... é o Sá.

- Fala, meu querido! Já de volta? Como é que foi a coisa lá?

- Tranquilo! Completamos o repertório e ainda fizemos mais umas três de quebra.

- Beleza!

- Escuta, preciso conversar umas coisas contigo. Vamos tomar umas amanhã?

- Vamos, ué...

Rápido silêncio incômodo. Era a minha cabeça ou ele se espantara com o convite? Só costumávamos sair pra conversar depois dos shows.

- Bom, eu ensaio com o quarteto até umas cinco.

- Aonde?

- Naquele estúdiozinho lá do Rafa, na Souza Lima.

- Então que tal às cinco e meia no Lucas?

- Tá falado!

- Te vejo lá então. Manda um beijo pra Lena.

- Valeu, irmão.

(A dispensa de uma banda inteira é freqüente. A maioria dos artistas troca de banda a cada disco, seja porque a natureza do novo trabalho o exija ou pelo simples fato do artista sentir necessidade de renovar-se através de uma sonoridade diferente no apoio. Os músicos da banda e a equipe técnica já entram numa “gig” - pronuncia-se “guig”, termo inglês que define um trabalho musical delimitado por um certo tempo, seja ele uma turnê, um disco, uma temporada em alguma casa de espetáculos - sabendo que depois daquele período tudo pode acontecer, inclusive o artista continuar com a mesma equipe ou parte dela. Já a dispensa individual de um músico pode levantar neste meio altamente competitivo uma suspeita, ainda que indevida, sobre sua conduta ou a eficiência de seu trabalho. E aí complica...)

Daniel K. me havia sido indicado por um amigo comum, quando trocáramos de banda – o que, no nosso caso, é muito menos freqüente do que com a maioria – no disco anterior:

- Pega esse cara, Sá, você não vai se arrepender. Lê bem, escreve bem, entende rápido, arranja...

Eu respondera com a velha pergunta que para nós é tão importante quanto o resto:

- É gente boa?

- É... é meio enrolado, mas é gente boa.

Um ano depois eu já entendia perfeitamente o que meu amigo quisera dizer com “é meio enrolado”. Daniel era um profissional dedicado e estudioso que dominava seu instrumento. Mas entrava, ficava e saía na defensiva, como se a qualquer momento alguém fosse chamar sua atenção por um erro que não existia. Isso fazia com que ele jamais tivesse conseguido se integrar completamente ao grupo. Havia sempre alguma coisa no ar, uma insegurança que parecia exalar dele

e contaminar o resto do pessoal. O resultado é que eu e meu parceiro tínhamos a impressão de que atrás de nós tocava uma banda de cinco mais um e não uma banda de seis, como devia acontecer.

- Rapá, eu me atrasei tanto assim? – riu ele vendo as bolachas deladoras na mesa.

- Senta aí e bebe. E a Lena, tá legal?

- Tá grávida! Acredita? Daqui a seis meses vou ser papai.

Era só o que me faltava.

- Que bom... – respondi, quase caindo em desespero - Parabéns, meu querido! Você vai ver que ser pai é a melhor coisa da vida!

- Depois de música e sexo, hehehe!

Os novos chopos chegaram. Limpei a espuma dos lábios com o guardanapo de papel. Demorei com o guardanapo na frente da boca, como se Daniel pudesse ler meus lábios por antecipação. E, para minha surpresa, ele realmente falou:

- Quer dizer que eu estou fora.

Quase engasguei com o chope. Daniel bateu de leve o copo na mesa:

- Não vai me dizer que o assunto é outro porque eu vou ficar completamente sem jeito. Mas é, não é?

- Cara... – comecei, completamente sem rumo.

- Teu parceiro não gosta de mim.

Era a hora, a boa ou a má hora. A hora da verdade, do olho no olho. Não podia ser outra coisa. Deixei o chope de lado e encarei o Daniel:

- Você está certo no assunto. Mas o problema não é o meu parceiro. Essa decisão foi minha e dele.

Tomei fôlego e continuei:

- Acontece, Daniel, que pra você ser um músico completo falta uma coisa que não tem nada a ver com música. Falta confiança.

Daniel rodava o copo lentamente, sem me olhar.

- Você precisa de confiança, cara. Ninguém nunca te acusou de nada. Mas só de você ficar pensando nisso, o ar dessa banda ficou irrespirável. A gente pode quase ouvir o que você está pensando durante o show.

(Quando o artista de frente opta por ter uma relação de amizade com seu staff, ele trilha um caminho perigoso, que, ao mesmo, tempo o ensina a obter o respeito de seus subordinados, em vez de impô-lo. Como recompensa, ele tem certeza de ter consigo pessoas interessadas em fazer com que seu trabalho seja o mais impecável e preciso possível, pessoas que sabem que o crescimento dele as levará junto. Quando cantamos nossas músicas, estamos imersos no mundo que nossa banda cria para nós. Não pode haver espaço aí para dispersão ou insegurança).

Daniel olhou para mim, um sorriso amargo estampado na cara. Engoli em seco e continuei:

- Eu perco a concentração com isso, entende? Não posso ficar

olhando por cima do meu ombro no meio de uma música sentindo culpa pelo seu desconforto. Não sou, e me recuso a ser, culpado disso.

Apoiei a cabeça na mão pra poder finalizar o discurso.

- É isso aí. É por isso que você está fora. Eu e meu parceiro gostamos de você. Mas não está dando certo.

Daniel continuava mudo. Prossegui:

- Pra todos os efeitos, e pra te resguardar, vou dizer pro pessoal que você vai ser pai e resolveu partir pra outra mais garantida, sei lá, procurar uma coisa fixa.

- Não.

- O quê?

- Me poupa dessa. É claro que todo mundo sabe o que está rolando. Eu não me enquadrei na gig.

Tomou o resto do chope e continuou:

- Sá, nós ficamos amigos nesse tempo, não é? Quero que isso continue assim. Ainda acho que eu merecia mais um tempo, mas sei que o mar não tá pra peixe, vocês vão gravar um disco agora e não têm esse tempo pra me dar. É isso aí. Fim de papo.

(Alguns músicos de apoio - não o Daniel dessa história - rivalizam com os artistas de frente. Dá o apelido de “canário” dado por eles aos que nada fazem se não cantar e deitar na cama da fama. Quando se diz que “Fulano é um canário” quer-se dizer que o Fulano só sabe cantar e não entende nada de música, arranjo, etc. Fulano é aquela figura que só serve para atrair público, o que, convenhamos, não é pouca coisa. Esse apelido é basicamente preconceituoso. Mas, além e adiante disso, ele é geralmente apostado ao artista arrogante, como vingança de uma maltratada, mal paga e desrespeitada banda. Algumas vezes o artista nem é o culpado direto pelo que possa haver de mal na gig, mas é propositadamente alienado de tudo por um empresário do bem - excessivamente protecionista - ou do mal - excessivamente vigarista. O verdadeiro profissional do ramo, no entanto, não perde as rédeas de sua gig e sabe de tudo o que acontece antes mesmo que aconteça. Quando a esses é atribuído o pejorativo “canário”, você pode procurar por trás de tudo o ressentimento de um ex-músico de apoio inconformado com o rigor profissional que causou sua dispensa)

Tomamos mais alguns, falamos do tempo, da paternidade, da lua que brilhava sobre o mar. Despedimo-nos com um longo e apertado abraço, a emoção agravada por muitos chopos. Daniel K. seguiu seu caminho. Hoje ele é um músico e compositor respeitado e bem sucedido. Frequentamo-nos ainda por algum tempo, fizemos umas músicas juntos e jamais percebi nele nenhum resquício de ressentimento. O tempo e minha mudança para outra cidade nos distanciaram. Mas tenho certeza de que se eu o encontrasse hoje, retomariamos a conversa de onde paramos.

Mas o mundo, como a gente sabe, não é feito só de Daniéis K. 